O Funk do meu Rio se espalhou pelo Brasil

The Funk of my Rio de Janeiro has spread throughout Brazil

Nyilas, Marcelo. Curso de Têxtil e Moda - Escola de Artes Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo.
nyilas@usp.br

Italiano, Isabel Cristina. Profa. Dra. - Curso de Têxtil e Moda - Escola de Artes Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo
isabel.italiano@usp.br

Held, Maria Sílvia Barros de. Profa. Dra. - Curso de Têxtil e Moda - Escola de Artes Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo.
silviaheld@usp.br

Resumo

A proposta deste trabalho foi a criação de uma coleção de primavera/verão com seus elementos inspirados na “sociedade funkeira”. A partir desta análise a coleção foi feita, com os protótipos confeccionados como argumentação deste estudo.

Abstract

The purpose of this study was the creation of a spring/summer collection with its elements inspired by the “funk society.” Starting from this analysis, the collection was created with prototypes based on the arguments of this study.

Introdução

Muito mais do que roupas ou acessórios a moda reproduz um modo de vida, uma forma de pensar e agir. A roupa é o elemento escolhido para representar externamente a filosofia do indivíduo. Um objeto de estudo muito vasto que permite aos filósofos, sociólogos entre outros associarem a moda com a cultura contemporânea.

Movimento artístico que tem atualmente sua base na contemporaneidade, a moda procura levar às roupas o que se passa no mundo tanto cultural quanto tecnológico, a moda é agora um trabalho de vanguarda.

Baseada na cultura de massa, a moda unifica grupos e distingui indivíduos. A partir desses dois conceitos, o movimento de vanguarda e a distinção social, este trabalho se sustenta. O estudo dos dois sistemas de moda – *Trickle Down e Bubble Up* - servem para fundamentar este trabalho que tem por finalidade a criação de uma coleção de roupas de um dos movimentos mais atuais no mundo o Funk.

Como inspiração para criar foi escolhida o Funk. A música, os freqüentadores, as roupas utilizadas nos bailes e o local de origem no Brasil (Rio de Janeiro) foram os elementos escolhidos para basear o desenvolvimento da coleção.

Um dos movimentos mais atuais e nacionais, o funk provoca furor e indignação na sociedade atual. Por um lado os conservadores abominam-no, entretanto grande parte dos indivíduos o apreciam de alguma forma. Atualmente o funk é o movimento de massa mais impactante e fluído na sociedade atingindo todas as camadas sociais.

Portanto é importante tanto o seu estudo sociológico, quanto seu estudo pela moda, que desta forma mantém seu caráter vanguardista.

Justificativa

A moda se apresenta como um dos temas mais importantes para a pós-modernidade. A relação do indivíduo com si próprio, a individualização e a busca pela aceitação social e distinções mundanas são feitas a partir das roupas.

Tendo na moda uma externalização do eu, os estudos sociológicos buscam associa-la com os atuais caminhos da sociedade e suas repercussões. Antes segregadora, agora a moda se democratizou e com ela as aparências não são mais símbolo da estratificação social. Desta forma a moda expressa o paradoxo mais moderno da sociedade, a individualização da imagem pessoal com a generalização da imagem do grupo. Ou seja, é a busca do indivíduo à aceitação social com a individualização da sua imagem.

Portanto é imprescindível que se estudem os movimentos de massa a partir do recorte da moda e desta forma, este trabalho procura realizar o projeto de coleção.

Apresentação

Segundo Lipovetsky (1989) o estudo do fenômeno que melhor representa a atual sociedade de consumo não provoca muito furor nos pensadores e filósofos modernos, entretanto a moda não cansa de atravessar fronteiras, invadir camadas sociais, atingir

revoluções (em 1779 a Revolução Francesa tinha um grupo denominado *Sans Culotes*), segregar grupos ou unir pessoas.

Reflexo do que se passa no mundo, as roupas e a moda passam despercebidas por cientistas sociais e estudiosos de fenômenos de massa, contudo as diversas manifestações que a moda possibilita e sua lógica inconstante são compreendidas pelos fenômenos de estratificação social e distinções mundanas entre homens e mulheres.

Exemplo supremo de uma sociedade consumista, ávida pelo produto e pela inovação, a moda e sua efemeridade reavivam os conceitos básicos de um mundo capitalista – adquirir e depois analisar sua necessidade. Lipovetsky (1989) nos lembra que a moda é um produto da evolução social da sociedade, sendo assim ela se tornou uma frivolidade, um luxo. Frédéric Le Play realizou, na França, um estudo no século XIX, no qual comprovou que as pessoas possuíam pouquíssimas roupas, tendo um ou dois paletós, uma roupa para sair e uma para trabalho[1]. Este fato se torna justificável, pois nestes séculos só os mais ricos compravam roupas anualmente (compravam um terno novo, um ou dois vestidos e um chapéu). Com a evolução da sociedade moderna e a necessidade de distinção social este número foi aumentando exponencialmente chegando a criar um sistema que Lipovetsky chama de moda de cem anos.

Esta instituição dos cem anos foi a primeira fase da moda moderna. Este acontecimento, certamente particular das sociedades burocráticas modernas é mais do que uma história do luxo ou da rivalidade de classes, é uma revolução democrática. A moda moderna possui dois pólos bem distintos: A Alta-Costura e a confecção em escala, que imitava de perto ou de longe as criações das Maison de costura. Esta produção em escala inicia o processo de democratização social pela aparência. Entretanto as organizações intermediárias, que no passado representavam boa parte da produção de moda, não deixaram de existir segundo Lipovetsky (1989) em 1950 (auge do New Look e da Maison Christian Dior) 60% das mulheres francesas iam a costureiras para pedir que copiassem os vestidos lançados. Com isso uma forma de se desenvolver as criações estava formada, o Trickle Down[2], ou seja, as camadas mais intelectuais criavam e as mais pobres copiavam. Sendo assim, países com uma classe média abastada (EUA, por exemplo) criaram confecções de semi-luxo produzindo cópias com tecidos mais apropriados e acabamentos mais refinados.

Entre a metade do século XIX até 1960 a Alta Costura monopolizava a inovação, lançava a tendência e as confecções copiavam ou se inspiravam nela, lançando as mesmas coleções com um pouco de atraso, com a preços incomparáveis democratizando a moda e confirmando o Trickle Down.

Segundo Lipovetsky (1989) A razão e o progresso em convergência com a verdade não podem advir senão na e por uma busca das aparências, do devir, do proteiforme e da superfície. Esse paradigma direciona, ainda hoje, os ataques contra o mundo da moda. Essa fala justifica o maior mal da sociedade já criticada por literários brasileiros como Machado de Assis, o mal de viver pelas aparências e por isso a necessidade das pessoas em consumirem os produtos copiados das Maison.

Por isso a moda se torna comparável às Artes Visuais, a necessidade de estampar uma imagem faz com que criadores de moda se tornem tão desejados como um Monet. Ademais a necessidade de mudança sazonal torna o estilista um artista de vanguarda, tendo que, a cada seis meses, estudar o que se passa no contexto social para expô-los em suas roupas. A lei imperativa neste circuito é a inovação. Então a nova vocação do costureiro artista provocou uma extraordinária promoção social. No antigo Regime alfaiates e costureiras eram relegados a corporações de ofício, ou seja, artes mecânicas. A partir de 1930 poderiam se fazer analogias como: Balenciaga é o Picasso da Moda.

> "(...) A mudança sobrevém no século XIX e, sobretudo com Worth: A partir desse momento o costureiro vai gozar de um prestígio inaudito, é reconhecido como um poeta, seu nome é celebrado nas revistas de moda, aparece nos romances com traços do esteta, árbitro inconteste da elegância; (...)" (LIPOVETSKY, 2008, p.82).

A moda dos cem anos entrou em decadência e as grandes casas começaram a produzir peças mais baratas e em escala, subprodutos como perfume e maquiagem completavam o faturamento das Maison. Porém o ideal de manter a aparência ainda vive à tona. O fato intrigante é como esta moda que surgia na alta sociedade e se espalhava pelas camadas mais baixas foi se apropriando cada vez mais de elementos destas classes, alterando assim o sistema Trickle Down e emergindo uma nova forma de pensar. Desta forma nasce o Bubble Up[3]. Christian Lacroix disse uma vez que a rua é perigosamente inspiradora.

A partir de 1970 grandes estilistas começaram a utilizar tecidos mais baratos como a sarja. A calça jeans surge na passarela pela primeira vez com Calvin Klein, marcas francesas e italianas renomadas foram perdendo espaço para etiquetas de prêt-à-porter de luxo. Deixando a Alta Costura restrita, atualmente, apenas a 200 mulheres no mundo. Então casas como a Dior, Chanel entre outras começaram a explorar este novo mercado e, com isso, decreta o fim da moda de cem anos.

Esta nova forma de pensar inspirou este trabalho cujo objetivo é analisar, estudar e criar uma coleção baseada em um movimento, que no Brasil surgiu nas favelas do Rio de Janeiro e se espalhou por boa parte do território nacional. Atingiu camadas da elite social e classes mais bem postuladas financeiramente.

O funk carioca, antes restrito aos morros, toca agora nas casas de bairros chiques e ricos de São Paulo, virou motivo de baladas de elite em diversos estados e provoca furor com sua dança provocativa. As letras por vezes românticas e por vezes obscenas contagiam, uma batida simples, porém amena faz com que todos dancem e como diz a música inspiradora deste trabalho, " O funk do meu Rio se espalhou pelo Brasil, até quem não gostava quando viu não resistiu[4]".

Movimento que promove o alter-ego, a competição por corpos deslumbrantes e trabalhados incita o sexo ou o amor. Todo esse processo gera um figurino apropriado com detalhes em modelagem e design que devem ser estudados e trabalhados, pois este tipo de modelagem se aproxima do ideal antropométrico do corpo feminino brasileiro.

Após perceber este fato o tema do trabalho fica claro: Bubble Up, o funk influenciando as roupas das classes mais altas. O objetivo é trabalhar a modelagem utilizada pelas marcas "funkeiras" misturadas com elementos da moda clássica como o New Look Dior. Mesclar elementos estruturais como: Cintura baixa, cavalo curto e *skinny* com roupas acinturadas, tecidos nobres e alfaiataria, é o foco do desfile, apresentado para ilustrar todo o estudo feito por este trabalho.

Assim compreende-se que a moda está nos comandos de nossas cidades; a sedução e o efêmero tornam-se os princípios organizadores da vida coletiva moderna, que se baseia na imagem do individual na mensagem de status. Indiferente de onde surja a idéia a moda quando bem feita, bem produzida e publicada é aceita por todos. Então por mais alheio à moda que o individuo se julgue ele está envolto na frivolidade mundana e na segmentação social que ele escolherá viver, a qual se diferenciará, principalmente, pela vestimenta que seu grupo utiliza.

História do funk

Influenciado pela música negra norte americana, o funk é um estilo musical que surgiu no final da década de 1960. Com raízes no soul music e tendo uma batida mais pronunciada, o funk possui algumas influências do R&B do Rock e da música psicodélica. As características desse estilo musical: como ritmo sincopado, a densa linha de baixo, uma seção de metais forte e uma percussão marcante fazem do funk um estilo dançante.

O funk surgiu como uma "mescla" entre os estilos r&b, jazz e soul. No início, o estilo era considerado indecente, pois a palavra "funk" tinha conotações sexuais na língua inglesa. O funk acabou incorporando a característica: tem uma música com um ritmo mais lento e dançante, sexy, solto e com frases repetidas.

George Clinton provocou a alteração mais característica do funk, na década de 70. Suas bandas Parliament e, posteriormente, Funkadelic tocavam um funk mais pesado, influenciado pela psicodelia, dando origem ao subgênero chamado p-funk.

A década de 80 serviu para gerar novas segmentações do funk, criando uma música extremamente comercial. Seus derivados rap, hip-hop e break ganhavam uma força gigantesca nos EUA.

No final dos anos 80, surgiu a house music. Derivado do funk, esse estilo tinha como característica a mistura do funk tradicional com samplers e efeitos sonoros eletrônicos.

O derivado do funk mais presente no Brasil é o funk carioca. Este estilo surgiu nos anos 80 e foi influenciado por um novo ritmo originário da Flórida, o Miami Bass, que dispunha de músicas erotizadas e batidas mais rápidas. Grande parte das rádios destacava horas em sua grade horária para a execução desse estilo. Uma das músicas de sucesso nesse período foi a regravação de “Rock das Aranhas”, de Raúl Seixas. Outras músicas com muito humor e pouco apelo político completavam os hits do momento. Nessa mesma década, raps marcavam o período mais politizado do funk.

Esse longo período de nacionalização do funk dá início ao surgimento dos bailes. Primeiramente realizados nos bairros das periferias, expandiram-se para céu aberto, nas ruas, onde equipes rivais duelavam para descobrir quem possuía o melhor som, o grupo mais fiel e o melhor DJ. Nesse meio surge o DJ Marlboro, um dos protagonistas desse movimento e renomado artista atualmente. Como os assuntos abordados nas letras tratavam do cotidiano da vida na favela, os marginalizados aderiram ao movimento.

Nos anos 90, o funk continuou sendo tocado nas rádios piratas e seu tema principal passou a ser o crime organizado (atualmente conhecido como “proibidão”). A música passou a ser hino para embates e sujeição aos moradores sobre a nova ordem ou o novo grupo no comando. Com letras tratando de drogas e armas, os comandos incitavam os moradores da favela a cometerem atos de violência pela música.

Após essa fase mais caótica, o tema central passou a ser o sexo, tratado sempre como uma simples cópula: as músicas vinham acompanhadas de gemidos e gritos de prazer. A partir desse momento, os bailes funk passaram a ser momentos de orgia. Entre os participantes, muitos eram menores de idade. As orgias começavam sempre depois de uma música especial, que servia de sinal para o início do sexo. Consequentemente surgiram, nas favelas, os bebês “filhos do trem”. Com isso, esses bailes propiciaram a proliferação da AIDS nas favelas.

A opressão social propiciou o surgimento de uma nova era nas letras. As músicas tornaram-se mais dançantes, sensuais e românticas. Essa nova fase se tornou sucesso em

todo o país. Com isso, o funk se tornou moda nacional e começou a esboçar certo sucesso internacional.

Em 2002, o funk saiu das favelas e seguiu em direção à cidade, mascarando o seu ritmo e parecendo mais com o rap americano. As classes sociais mais altas começaram a aderir o estilo. O ritmo hipnótico e a batida repetitiva também contribuíram para as pessoas se tornarem adeptas. As letras passaram a ser muito mais eróticas e, normalmente, desvalorizavam o sexo feminino. Além disso, funk melodia, o charme, começou a tomar conta de certas casas noturnas no Rio.

Essa ascensão social levou o funk para fora do Rio. O estilo ganhou conhecimento internacional quando foi eleito uma das sensações do verão europeu em 2005. O destaque dessa fase foi a cantora Tati Quebra-Barraco, tornando-se uma figura emblemática, pois, de certa forma, demonstrava resistência à dominação masculina nesse meio.

Em 2006, o funk atingiu o auge de publicidade quando a Globo produziu uma novela com uma jovem rica que ia aos bailes funk. A partir desse momento, a elite financeira começou a incluir o funk no seu dia a dia musical. Festas universitárias, churrascos, formaturas sempre tocavam funk, elevando o público e mesclando as camadas sociais. Em 2008, o funk continuou a se espalhar pelo Brasil, perdendo o seu estigma de música de brigas e drogas. Passou a ser um estilo melódico ou erótico.

Assim como toda expressão massificada, o funk representa alguma intenção social. A princípio com as letras violentas cantadas por seguidores de facção, o funk representava um enorme problema social brasileiro, que é o grande número de miseráveis e pobres. Certamente, esses grupos violentos não possuíam grandes oportunidades ou objetivos, tendo, assim, que se sujeitar a traficar e correr o risco de morrer a cada noite. A música violenta expressa o que se passa na vida de cada um dentro da favela e, como forma de rebeldia e expressão, a primeira fase desse ritmo, que se tornou violenta.

Ademais, outra divisão do funk que tomou vulto foi a que explicita o sexo. Inconscientemente, essas letras atacam diretamente o moralismo social, mostrando que tanto homem quanto mulher que buscam o prazer carnal e que não é vergonha dizer isso. Esse é um dos motivos pelos quais essas músicas tocam em festas universitárias, reavivando o espírito de libertinagem e liberdade.

Como conseqüência disso, as roupas usadas são mais livres e sensuais. Modelagens mais provocativas e enaltecedoras das formas corporais são frequentemente encontradas nos guarda-roupas de pessoas que freqüentam ou ouvem o funk. Uma grande marca desse estilo é a Gang. Motivo de música, a Gang propiciou uma revolução no corte de calças que enaltece o

glúteo de qualquer pessoa. Com cintura baixa e cavalo curto, esse tipo de calça reaviva o prazer sexual.

Projeto de coleção

Proposta de criação

A partir desse estudo, certos pontos foram utilizados para fundamentar a idéia da coleção. Primeiramente foi definido o público alvo. Como se pode perceber o funk evoluiu de camadas sociais, portanto as peças desenvolvidas pretendem atingir a classe A.

Para conseguir atingir a identidade do público abastado foi preciso pensar em como provocar sensações e relações com seus indivíduos. A primeira decisão foi feita pensando nos tecidos. A maleabilidade, a qualidade, o toque, leveza e caimento teriam que atender a proposta da coleção e possuir enorme qualidade e refinamento.

Portanto tecidos planos com armações leves (musseline, organza, tafetá e cetim) e fios naturais (como seda e algodão) são dominantes. Deve-se lembrar que a ambiência é o Rio de Janeiro, então essas fibras e esse tipo de armação contribuem para um melhor conforto fisiológico das peças.

Não obstante a modelagem deveria atender as características deste grupo, os funkeiros, que prezam pelo movimento e sensualidade. Entretanto o objetivo não é atingir a vulgaridade, pois como mostrado na revisão bibliográfica esse, ainda, é um período de transição para a classe A.

A cartela de cores não apresenta restrições. Uma coleção de verão pode apresentar cores fortes e estampas variadas sendo fundamental apenas a harmonia entre as cores.

Logo, a coleção se apresentará com cores vivas e estampas naturais. Uma modelagem que enaltece o corpo e facilita os movimentos assim como tecidos fluidos e leves.

Fotos dos *looks* criados a partir da proposta

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre: *A Distinção: Crítica social do julgamento*, São Paulo, 2008, Edusp 2ª Edição. 1ª Edição 1979.

CRANE, Diana. *A Moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas,* São Paulo, 2006, Senac, 1ª Edição.

ESSINGER, Silvio. *Batidão: Uma história do funk,* Rio de Janeiro, 2005, Record, 1ª Edição.

JENKYN JONES, Sue*. Fashion Design: O manual do estilista*, 2005, Cosacnaif. , 1ª Edição.

LIPOVETSKY, Gilles: *O império do efêmero: A moda e seus destinos nas sociedades modernas*, São Paulo, 2008, Companhia das Letras, 11ª Edição. 1ª Edição 1989.

MAFFESOLI, Michel: *A Contemplação do Mundo*, Porto Alegre, 1995, Artes Ofício, 1ª Edição.

MAFFESOLI, Michel: *No fundo das aparências*, Petrópolis, 1999, Editora Vozes, 2ª Edição. 1ª Edição 1996.

MAFFESOLI, Michel: *O Tempo das Tribos*, São Paulo, 1998, Forense Universitária, 2ª Edição. 1ª Edição 1988.

Webgrafia

http://www.noticiacompleta.com/wp-content/uploads/2009/04/valesca-popozuda-em-baile-funk.jpg <acessado em 10/12/2009>

http://3.bp.blogspot.com/_CPSVeXAzL3Q/SiYx-e65BPI/AAAAAAAAAto/wOo6pV00ai0/s400/Castelo+das+Pedras+-+Baile+funk.jpg

<acessado em 10/12/2009>

http://images.google.com.br/images?hl=pt-BR&um=1&q=baile+funk&sa=N&start=20&ndsp=20 < acessado em 10/12/2009 >

http://www.ipcdigital.com/var/ipcdigital/storage/images/noticias/comunidade/baile-funk-bomba-mais-que-pagode-em-hamamatsu/as-letras-simples-a-danca-livre-sem-passos-complicados-e-o-apelo-ao-erotismo-fazem-parte-do-universo/317169-1-por-BR/As-letras-simples-a-danca-livre-sem-passos-complicados-e-o-apelo-ao-erotismo-fazem-parte-do-universo_fotogaleria_h.jpg

<acessado em 10/12/2009>

http://www.exclaim.ca/images/up-rio_baile_funk_1_lg.jpg <acessado em 10/12/2009>

http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://ego.globo.com/Gente/foto/0,,14520494-EXH,00.jpg&imgrefurl=http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL427614-9798,00-KELLY%2BKEY%2BVAI%2BATE%2BO%2BCHAO%2BEM%2BBAILE%2BFUNK.html&usg=__8Kfb2IcD_rTkX_N_ZipLpLs6M9k=&h=452&w=602&sz=64&hl=pt-

BR&start=13&um=1&tbnid=TBWq_lmvPBuCXM:&tbnh=101&tbnw=135&prev=/images%3Fq%3Dbaile%2Bfunk%26ndsp%3D20%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN%26um%3D1 <acessado em 10/12/2009>

http://h2.vibeflog.com/2006/12/13/19/11281605.jpg <acessado em 10/12/2009>

http://portalmie.com/eventos_/wp-content/uploads/2008/11/foto-413.jpg <acessado em 10/20/2009>

http://img514.imageshack.us/i/bycharizardfuracaoantigpw5.jpg/ <acessado em 10/12/2009>

Notas

[1] Diana Crane, A Moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade, São Paulo, 2008, Senac, p. 113.

[2] Sue Jenkin Jones, Fashion Design: O manual do estilista, 2005, CosacNaif.

[3] Ibid.,

[4] Mc Marcinho, Música Glamurosa.